

Joel Baden

Davi

A vida real de um herói bíblico

Tradução:

Marlene Suano

Professora do Departamento de História – FFLCH/USP

Especialista em história e arqueologia do Mediterrâneo Antigo

Para Gillian

Título original:

The Historical David

(*The Real Life of an Invented Hero*)

Tradução autorizada da primeira edição americana,
publicada em 2013 por HarperCollins Publishers,
de Nova York, Estados Unidos

Copyright © 2013, Joel Baden

Copyright da edição brasileira © 2016:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Angela Ramalho Vianna | Revisão: Eduardo Farias, Carolina Sampaio

Indexação: Gabriella Russano | Capa: Sérgio Campante

Imagem da capa: ©iStock.com/majaiva

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Baden, Joel S., 1977-
B125d Davi: a vida real de um herói bíblico / Joel Baden; tradução Marlene Suano. – 1.ed. –
Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

il.

Tradução de: The historical David (The real life of an invented hero)

Inclui índice

ISBN 978-85-378-1478-9

1. Davi, Rei de Israel. 2. Histórias bíblicas. I. Título.

Introdução

NUMA PEQUENA ALDEIA em Israel, cerca de 3 mil anos atrás, viviam um homem e sua esposa, proprietários de rebanhos de ovelhas e cabras que pastavam nos campos a alguma distância da aldeia. Num dia de primavera, dez homens apareceram na aldeia. Eles eram mensageiros de um grande bando de fora da lei que percorria o campo vivendo como podia. Eles fizeram um pedido ao homem: vinham protegendo seus rebanhos e pastores nos campos, e nenhum mal tinha acontecido à sua propriedade; então, agora, gostariam que o homem lhes desse algum dinheiro ou alimentos, em troca dos esforços realizados. O homem, que nunca encontrara o grupo antes, muito menos lhe pedira proteção, se recusou a dar-lhes qualquer coisa e dispensou-os. No dia seguinte, o líder do bando apareceu à porta do homem com sua comitiva completa, quatrocentos homens armados até os dentes. Pouco tempo depois, o homem estava morto, e o líder do bando havia se casado com a viúva, assumindo assim a propriedade legal de rebanhos, servos, casa e campos.

O que pensar dessa sequência de acontecimentos? Se este fosse um caso judicial moderno, as provas circunstanciais contra o líder do bando seriam fortes. É difícil não concluir que esse é um caso clássico de chantagem: a mensagem inicial do grupo pode ser vista como ameaça velada, personificada pelo aparecimento do líder do bando com seus homens armados, e cumprida no final, com a morte do proprietário. O dispositivo de se casar com a viúva seria entendido como meio “legal” de justificar a aquisição da propriedade do homem, essencialmente, uma camuflagem. E a viúva, tomada pela força – afinal, seu marido fora morto diante dela –, seria tão vítima quanto o próprio homem assassinado.

Embora essa talvez seja a explicação mais plausível, diante da informação que temos, ela é apenas uma forma entre outras de explicar os acontecimentos. Como entender o que ocorreu, que sentido dar a uma série de eventos simples? Isso depende muito de quem os narra e por quê. Como acontece com frequência, em particular com os eventos do passado distante, não há uma reconstrução objetiva da história. Não dispomos de registros judiciais, não existem relatos de testemunhas oculares. Temos somente uma versão desses eventos, e ela vai contra nossa intuição. A versão apresenta o líder do bando como o herói, e o homem morto como o vilão. Por 3 mil anos, essa foi a versão tida como verdadeira, sem qualquer questionamento, pois a história vem da Bíblia, e o líder do bando era ninguém menos que Davi, o futuro rei de Israel.

QUANDO FALO SOBRE a vida de Davi na introdução ao curso sobre o Antigo Testamento, mesmo no contexto de uma escola de religião importante, a maioria dos alunos não está familiarizada com o início da carreira de Davi como o líder de um bando de desajustados vagando no deserto de Israel. Na verdade, considerando-se que Davi é um dos personagens mais famosos da Bíblia hebraica, é notável o quão pouco sabemos de sua história de vida. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que a maioria de nós aprende as histórias bíblicas na infância, nas aulas de religião, e a maioria das histórias bíblicas sobre Davi, como veremos, é decididamente imprópria para crianças. Sabemos de Davi, mas não podemos dizer que o conhecemos de maneira profunda. Sua imagem mais famosa é a de Michelangelo, esculpida em pedra branca e pura. Compare isso a Moisés, que, graças ao filme de Cecil B. DeMille, *Os dez mandamentos* (e, para uma geração mais jovem, *O príncipe do Egito*), é apresentado com todas as cores e movimentos, desde o nascimento até a sarça ardente, as pragas, a divisão do mar, as tábuas dos dez mandamentos e o bezerro de ouro, todo o seu percurso até a morte.

Nosso conhecimento sobre Davi é esparsos, com cliques curtos e quadros fixos. A primeira imagem é a de um homem jovem, com coragem de lutar contra o gigante filisteu Golias carregando nada mais que uma

funda e uma pedra. Vemos Golias imponente sobre o exército israelita, em armadura completa, segurando sua grande espada, provocando os israelitas a enviar alguém para lutar com ele. Ouvimos Davi contando suas lutas contra leões e ursos para proteger os rebanhos de sua família e, em seguida, o vemos saindo da multidão para dizer a Golias as palavras imortais: “Tu vens contra mim com espada, lança e dardo, mas eu vou contra ti em nome do Senhor dos exércitos!” E vemos a pedra lisa atingir Golias na cabeça, o gigante cair, os filisteus debandarem aterrorizados diante de seu herói vencido. Da morte de Golias aceleramos rapidamente para Davi sentado no trono de Israel, não apenas como rei, mas como criador dos Salmos imortais. Ele tem uma lira na mão, o emblema do grande poeta. Talvez diga aquelas linhas mais familiares para nós, presentes na Bíblia do rei Jaime: “Salmo de Davi: O Senhor é meu pastor, nada me faltará.” Este é Davi em repouso, o governante imponente de um reino de paz, oferecendo seus louvores ao Deus que lhe concedeu a vitória sobre os inimigos de Israel e o poupou da derrota.

Esses são os dois momentos que melhor representam Davi no imaginário popular. Mas há muito mais em sua história. A narrativa completa de sua vida ocupa 42 capítulos na Bíblia, abrangendo de 1 Samuel 16 a 1 Reis 2. A história de Golias representa apenas um capítulo, e a escrita dos Salmos, de fato, não está em nenhum lugar da narrativa. Há muito mais a se dizer sobre Davi.

Os detalhes do relato bíblico sobre a vida de Davi, mesmo aqueles com os quais estamos familiarizados, em grande parte se submetem à ideia de Davi, uma figura abstrata, romantizada, idealizada, não uma pessoa de carne e osso, mas um símbolo do passado glorioso e do futuro promissor de uma nação. Podemos conhecer melhor Moisés, porém amamos Davi muito mais. Quando era criança, eu, como qualquer outro estudante da escola hebraica, aprendi um cântico simples, de uma linha, acompanhado por gestos de mãos e repetido com o ritmo tão acelerado que quase não conseguíamos seguir. *Davi, Melech Yisrael, chai chai ve-kayam* – “Davi, rei de Israel, vive e resiste”. A música não tem história, não há nada a ser aprendido sobre a vida de Davi com essas seis palavras. O que elas repre-

sentam, e que estava sendo instilado em nós inconscientemente, é o status de Davi na tradição. Decerto éramos muito jovens para entender, mas é notável que esse cântico não fale de Davi como uma figura do passado, mas como parte do presente: ele “vive e resiste”. Essas palavras, obviamente, não podem ser usadas para descrever um simples rei de três mil anos atrás. Aliás, também não seriam apropriadas para qualquer outro personagem da Bíblia hebraica: nunca diríamos que Moisés vive e resiste, ou Abraão, ou Jacó, ou Isaías. Todas essas figuras também têm lendas que lhes são inerentes, mas apenas Davi é atemporal.

Essa atemporalidade em grande parte se deve à terceira ideia comumente associada a Davi, embora sem qualquer imagem visual: seu papel como iniciador da linhagem que leva ao messias. A ideia já começa na Bíblia hebraica quando Deus promete a Davi um reino eterno: “Tua casa e teu reino estarão seguros diante de mim; teu trono será estabelecido para sempre” (2 Samuel 7:16). Quando os profetas de Israel começaram a mirar um porvir messiânico, era natural que imaginassem o futuro rei redentor como alguém pertencente à linhagem de Davi. Assim é o conhecido anúncio de Isaías sobre o nascimento do “rebento do tronco de Jessé” que governará em “paz sem fim sobre o trono de Davi e no seu reino” (Isaías 11:1, 9:6).¹ Ezequiel também prevê o retorno de Davi na era messiânica: “Eu lhes darei um só pastor para cuidar deles – o meu servo Davi. ... Eu, o Senhor, serei o seu Deus, e o meu servo Davi será um governante entre eles” (Ezequiel 34:23-24).²

Nas antigas tradições do judaísmo do século I a.C., o messias era conhecido como o “filho de Davi”, título que continuou a ser usado no Talmude.³ O título é mais conhecido, no entanto, a partir do Novo Testamento, onde é usado quinze vezes nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, incluindo as primeiras palavras do Novo Testamento.⁴ No cristianismo, Moisés, como proeminente legislador, é minimizado, quando não completamente rejeitado, e Davi é ressuscitado.

A lenda de Davi está profundamente entrelaçada no tecido da cultura ocidental. Basta pensar no alcance e na frequência da comparação “Davi e Golias”. Essa imagem específica, decerto a mais dramática da história de

Davi, repercute profundamente tanto no judaísmo quanto no cristianismo contemporâneos. A guerra de independência de Israel, em 1948, e a guerra dos Seis Dias, de 1967, foram, na época e muitas vezes desde então, retratadas como modernas histórias de Davi e Golias, com Israel no papel de Davi. Em 1948, os pequenos e em grande parte ineficazes (mas barulhentos) morteiros que Israel usou contra seus inimigos árabes foram chamados *Davikas*, “pequenos Davi”. Mesmo agora, quando o poderio de Israel em relação ao de seus vizinhos árabes tornou-se óbvio, o tamanho do Estado e sua posição geográfica vulnerável mantêm a metáfora viva. Do lado cristão, pode-se encontrar inúmeros sites que equiparam o criacionismo a Davi, e a teoria evolutiva – e todos os meios de comunicação, cientistas e universidades que estão por trás dela – a Golias. Não é de surpreender que essa retórica tenha entrado também no discurso político: membros do conservador Tea Party americano se caracterizaram como Davi lutando contra o Golias da mídia liberal.

É próprio da natureza humana idealizar figuras do passado, em particular aquelas associadas às origens. Nos Estados Unidos, podemos pensar em George Washington, cuja lenda, da cerejeira à travessia do Delaware, apenas vagamente (se é que de fato) se refere à realidade histórica. Ou podemos lembrar a comoção nacional quando da revelação das aventuras românticas de Thomas Jefferson, reação causada pela invasão súbita da realidade na imagem antes ilibada de um dos heróis fundadores. Idealizar figuras fundadoras é uma parte natural e talvez inevitável da construção da identidade. Torna-se de extrema importância que essas figuras do passado sejam não só exemplos, mas também exemplares: como seus descendentes, literal e nacionalmente, atribuímos a elas os valores e virtudes que queremos ver em nós mesmos. Como elas realmente eram, o que realmente fizeram, isso se torna envolto nas brumas do tempo, é deixado de lado e depois esquecido. O que resta é a glória nas histórias que lembramos (mal) e nas que (re)criamos.

Se essa idealização acontece com os fundadores de uma nação de pouco mais de duzentos anos, o que dizer quando se trata do fundador da linha messiânica iniciada há três mil anos? No caso de Davi, há ambas as

coisas: ele é o fundador da nação de Israel e o ancestral – para alguns, até o protótipo – do messias. Assim, não surpreende que os aspectos conhecidos da vida de Davi sejam aqueles que atestam sua glória: a bravura juvenil, a poesia duradoura, a realeza imperial. Não surpreende também que a mais famosa descrição de Davi, apresentada pela primeira vez na Bíblia hebraica e repetida no Novo Testamento, seja a de “um homem segundo o próprio coração de Deus” (1 Samuel 13:14; Atos 13:22). A memória cultural idealizada de Davi na tradição judaico-cristã tem a importante finalidade de oferecer um modelo para o messias e para nós mesmos. Deixamos o Davi histórico ao passado e em seu lugar admiramos um Davi eterno, construído a partir de nossas esperanças e aspirações.

A CONSTRUÇÃO DE UM DAVI idealizado não é fenômeno recente, mas já começara nos primeiros escritos sobre ele. Como exemplo, voltemos à história com que começamos, recordando as características mais salientes: Davi, naquele momento de sua vida, era o líder de um bando de fugitivos que vivia no deserto de Israel e mandou alguns de seus homens pedir alimentos ou dinheiro a um homem rico, alegando ter “protegido” seus pastores e rebanhos no deserto. Quando o homem se recusou, Davi chegou à sua casa com uma comitiva totalmente armada. Logo o homem estava morto, e Davi se casava com a viúva, adquirindo o direito às propriedades nesse processo. Provavelmente há inúmeras maneiras de preencher as lacunas nessa sequência de eventos, mas temos certeza de que nenhuma poderia se inclinar tanto a favor de Davi quanto a versão bíblica.

De acordo com 1 Samuel 25, o nome do homem era Nabal – e seu nome já predispõe o leitor contra ele, pois em hebraico Nabal significa “tolo”. Além disso, quando é introduzido na história, ele é descrito como “um homem severo e mau”. Sua esposa, por outro lado – Abigail –, é “inteligente e bonita”, preparando assim o leitor para o que vem a seguir. Quando os homens de Davi falam com Nabal, eles o fazem com a maior polidez, com saudações formais e expressões obsequiosas. Nabal, no entanto, responde com frieza, até de forma agressiva, acusando Davi de não ser melhor que

um escravo fugitivo. A afirmação de Davi, de que protegera os pastores de Nabal – embora, claro, Nabal nunca tivesse solicitado a proteção –, é justificada pelo discurso espontâneo feito a Abigail por um pastor não identificado, que confirma que Davi de fato resguardara os homens de Nabal e que lançara um insulto sobre ele durante a conversa: “É um tipo tão primitivo que ninguém pode falar com ele.” Segue-se um diálogo digno de nota entre Abigail e Davi, no qual ela também insulta o marido – “Não preste atenção àquele tipo grosseiro... Seu nome significa ‘rústico’, e ele é um rústico” – e exalta Davi aos céus, chegando a ponto de prever, como uma profetisa, seu eventual reinado sobre Israel. Ela dá a Davi e a seus homens um bom presente para compensar a mesquinhez de Nabal, e condena seu marido: “Que os teus inimigos e aqueles que procuram fazer o mal contra o meu senhor vivam como Nabal!” Davi responde abençoando-a pela prudência e por impedi-lo de fazer qualquer mal ao marido. Embora admitisse a intenção de prejudicar Nabal – como se pudesse dizer o contrário, ali de pé, com quatrocentos homens armados –, ele torna perfeitamente claro que não mais atacará. Assim, é uma coincidência verdadeiramente milagrosa quando, dez dias depois, Deus atinge Nabal e ele morre. O significado dessa morte divinamente ordenada é proclamado por ninguém menos que o próprio Davi: “O Senhor fez cair o mal de Nabal em sua própria cabeça.” No momento seguinte, Davi envia homens para propor casamento a Abigail, e ela aceita sem hesitação – aliás, ela já previra a ascensão de Davi ao poder, e obviamente tinha pouca consideração pelo falecido marido.

Sem alterar a sequência básica dos eventos, a versão bíblica do que aconteceu desequilibra de forma drástica a moral da história. Nabal, a parte ostensivamente lesada – aquele que acaba morto –, é apresentado como indivíduo mau, um malfeitor desagradável, um tolo. Seu caráter é criticado até pela própria esposa. Davi, o ostensivo agressor, é encarado como a parte prejudicada. Abigail não pode mais ser vista como vítima, mas torna-se participante voluntária, a recém-casada bem-disposta e até profetisa da glória de Davi. A morte de Nabal não é trabalho de mãos humanas, muito menos das de Davi, como a história enfatiza mais de uma vez, e sim causada por castigo divino.

Como avaliar a narrativa bíblica? Começamos por reconhecer que a Bíblia não é a história objetiva, nem nunca pretendeu ser. A ideia, e muito mais a prática, da “história objetiva” não estava disponível para seus autores. Falando sem rodeios, a Bíblia não é história, é a Bíblia. A narrativa bíblica rompe a maior parte das regras fundamentais da moderna escrita da história. Encontramos na história bíblica, apresentados como verdade, aspectos que nenhum historiador poderia saber: elementos particulares e não verificáveis, incluindo eventos que ocorreram a portas fechadas; diálogos e mesmo monólogos interiores. Encontramos caracterizações dos vários indivíduos na história que estão longe de ser imparciais. Talvez mais digno de nota, há uma intervenção divina como explicação para o curso dos acontecimentos. Dificilmente podemos culpar o autor bíblico por não seguir as convenções da escrita da história que se desenvolveriam milhares de anos depois de ele ter produzido sua narrativa. Ao mesmo tempo, no entanto, não podemos ler o texto bíblico como se fosse um fragmento de escrita moderna da história. Ele pode descrever o passado, e nesse sentido é de natureza histórica, contudo, descreve-o usando as convenções mais familiares para nós como pertencentes ao gênero da ficção histórica. Além disso, essas convenções servem a um propósito especial: em nosso caso, elas glorificam e idealizam o principal personagem e o maior herói da Bíblia, Davi.

Assim, os aspectos dessa narrativa que são estranhos ao gênero moderno de escrever a história – aqueles que são mais bíblicos que históricos – colaboram todos para os mesmos fins: denegrir Nabal e exaltar Davi. É difícil que isso seja coincidência, em especial quando (como veremos) esse padrão se mantém ao longo de toda a história de Davi nos dois livros de Samuel. Nem deve surpreender, uma vez que Davi é o herói sem paralelo da Bíblia hebraica. Ele é o rei com quem a Bíblia compara todos os reis posteriores e que permanece insuperável por qualquer um que a ele tenha se seguido. Como vimos, Davi é o símbolo da esperança messiânica incipiente de Israel. Não deve nos espantar, portanto, que a versão bíblica de sua vida seja forjada a seu favor.

Perceber que a narrativa bíblica é pró-Davi, no entanto, é também perceber que ela não pode ser lida pelo seu valor nominal, se queremos

conhecer a verdadeira história de Davi. Mas infelizmente recuperar o Davi histórico não é tão simples quanto ler e lembrar o esquecido relato bíblico acerca de sua vida, como se uma reverência mais profunda pelas escrituras levasse à verdade histórica. Muito pelo contrário, a Bíblia é uma fonte de informação necessária, mas não suficiente nem particularmente confiável. Durante grande parte dos últimos três mil anos, e para muitas pessoas, ainda hoje, é impossível aceitar tal afirmação. Para alguns, a narrativa bíblica é considerada incontestavelmente verdadeira, como se a Bíblia trouxesse o selo de Deus. Se ela foi escrita por Deus ou por inspiração divina, não há razão para duvidar dela – embora seja possível observar que os livros de Samuel e dos Reis pelos quais nos interessamos aqui não pretendem ter origem ou inspiração divina; de fato, ninguém julgou que eles tivessem essas qualidades durante as centenas de anos decorridos desde que foram escritos. A intangibilidade do texto bíblico é um compromisso de fé, não um fato histórico. A tentativa de recuperar fatos históricos significa abrir mão, pelo menos para esse fim, dos compromissos de fé que impedem qualquer contestação à tradição recebida.

Isso significa reconhecer que a Bíblia é produto da mente humana e que, como toda literatura, está sujeita aos preconceitos e propósitos de seus autores, tanto conscientes quanto inconscientes. O estudo crítico da Bíblia implica atacar esses preconceitos, desvelar esses propósitos. Os estudiosos da literatura chamam essa leitura de “hermenêutica da suspeita”: ter consciência de que as conclusões a que um pedaço de escrita nos leva são aquelas às quais o autor quer que sejamos levados; recuar para perguntar como e por que tais esforços foram feitos. Devemos, em primeiro lugar, remover os elementos pró-Davi não históricos da história para expor os eventos básicos que os informam. Quando fazemos isso, é mais difícil manter a imagem extremamente positiva de Davi formada pela Bíblia. No caso da história de Davi e Nabal, por exemplo, ficamos com a sequência rígida de eventos, tal como apresentada no início desta introdução. Quando tentamos entender esses eventos a partir de uma perspectiva histórica objetiva, ficamos com a forte possibilidade de que Davi estivesse lançando mão de um esquema de extorsão, que ele possa ter matado Nabal e acobertado

a aquisição da propriedade de Nabal casando-se com Abigail. Dada essa descrição potencialmente condenatória de Davi, não é de admirar que o autor bíblico tenha se esforçado tanto para contar a história em termos pró-Davi. Para usar uma analogia moderna, a narrativa bíblica pode ser considerada o equivalente antigo de uma distorção política: é uma releitura de eventos, uma reinterpretação até, cujo objetivo é absolver Davi de qualquer culpa potencial, mostrando-o sob luz positiva.

Como distorção, tem sido extremamente eficaz, em grande parte pela simples razão de que está na Bíblia. A revelação de pensamentos privados, conversas e eventos; a caracterização dos participantes; a intervenção divina – todos esses aspectos, e com eles a interpretação decididamente pró-Davi dos eventos, foram tomados como representação da verdade histórica, ou pelo menos da verdade moral. O historiador judeu Flávio Josefo, recontando a história no século I d.C., cultiva a maldade de Nabal e a inocência de Davi: “Nabal tinha morrido por sua própria maldade, e dera isso [a Davi] como vingança, enquanto o próprio [Davi] ainda tinha as mãos limpas. ... Os ímpios são perseguidos por Deus, que não deixa de ver nenhum ato do homem, mas retribui o bem em espécie, enquanto inflige punição rápida sobre os ímpios.”⁵ Os rabinos antigos, talvez percebendo que o relato bíblico não fundamentava suficientemente a morte de Nabal, conceberam algumas justificativas não presentes no texto, da ganância ao orgulho e à idolatria.⁶ O comentário de Matthew Henry sobre esse capítulo, no início do século XVIII, retrata Davi como alguém extremamente humilde em seu pedido e enfatiza sua carência: “Davi, ao que parece, estava tão angustiado que ficaria feliz por estar em dívida para com ele [Nabal], e na verdade estava à sua porta mendigando. Quem somos nós para julgar a riqueza deste mundo quando um vilão grande como Nabal possui em abundância, e santo tão grande quanto Davi sofre necessidades?”⁷

De modo irônico, enquanto alguns leitores pós-bíblicos e comentaristas se deixaram levar pela mudança pró-Davi em Samuel, outros autores que escreviam sobre Davi se sentiram desconfortáveis com isso. O autor de Crônicas, um dos últimos livros da Bíblia hebraica, parece ter reconhecido

que, mesmo quando interpretados em favor de Davi, os acontecimentos descritos em Samuel ainda são atos desagradáveis sobre o glorioso rei de Israel. Assim, em Crônicas, não encontramos nenhum vestígio da história de Davi e Nabal – na verdade, todo o período de Davi no deserto, que ocupa doze capítulos em Samuel, reduz-se, em Crônicas, à lista de guerreiros que foram para o deserto apoiar Davi como rei. Vale ressaltar que esses homens são descritos como guerreiros – essa é a revisão do cronista sobre a descrição que Samuel faz do bando de Davi, formado por “todo homem amargo de espírito”. Qualquer aspecto potencialmente negativo da vida e das ações de Davi encontrado em Samuel, até o mais ínfimo pormenor, é totalmente expurgado em Crônicas. O Davi de Crônicas é incontestável. E parece que era exatamente isso que o cronista tinha em mente quando reescreveu a narrativa de Samuel.

Nossa memória cultural moderna de Davi, então, é parte de uma longa linha de crescente idealização e reconstrução. Da inversão de Samuel até o saneamento da imagem de Davi em Crônicas, à conexão messiânica no Novo Testamento e até o presente, o Davi histórico foi sucessivamente, e com êxito, diminuindo, substituído pela lenda com a qual agora estamos familiarizados.

NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, o reconhecimento de que até a Bíblia apresenta um Davi idealizado – e que ela é a única fonte escrita de informação de que dispomos sobre a vida de Davi – levou alguns estudiosos a afirmar que Davi nunca existiu. Eles argumentam que o Davi bíblico não é a idealização de uma figura histórica real, mas uma invenção completa, uma projeção para o passado feita por reis posteriores que queriam legitimar sua linhagem e status, e que teriam criado uma figura lendária de fundador com a qual se comparar. No entanto, isso seria o mesmo que afirmar que Henrique V da Inglaterra jamais existiria se não tivéssemos nenhuma fonte de informação além do bom rei idealizado de Shakespeare. Até certo ponto, esses estudiosos assumiram a inversão da Bíblia tão plenamente quanto aqueles que, como Matthew Henry, chamam Davi de santo.

É a própria existência da inversão bíblica que argumenta em favor da existência de Davi. Não há necessidade de inverter uma história que não tenha base na realidade. Se o objetivo fundamental da inversão é dizer “Pode parecer que o evento aconteceu de uma maneira, mas ele realmente aconteceu de outra”, então, em primeiro lugar, deve ter havido um evento real. E quem, dada a oportunidade de criar uma figura lendária do passado para servir como ancestral e modelo, iria inventar uma história como a de Davi e Nabal? Quando as histórias nos dois livros de Samuel são entendidas como uma inversão pró-Davi, a questão da existência de Davi pode ser estabelecida: ele deve ter existido para que o texto se parecesse com aquele. Além disso, as histórias sobre Davi devem ter sido escritas relativamente pouco tempo depois dos acontecimentos que descrevem, pois elas se baseiam no pressuposto de que o público sabia algo sobre os eventos.⁸

A tarefa, então, é encontrar o meio-termo entre aceitar as narrativas bíblicas pelo seu valor nominal e rejeitá-las de todo. Isso implica buscar, sob a inversão pró-Davi dos dois livros de Samuel – removendo-os, como fizemos com a história de Davi e Nabal –, os elementos da narrativa que reconhecemos como genericamente não históricos, a fim de ter acesso aos eventos fundamentais do passado e tentar reconstruir a história mais provável daquilo que realmente aconteceu.

Ao fazer isso, é importante lembrar que o Davi histórico foi parte de um lugar e de um tempo muito diferentes, o Oriente Próximo antigo. As convenções políticas do Oriente Próximo antigo e a história cultural do início de Israel fornecem uma lente pela qual temos de ver e avaliar as ações de Davi à medida que ele busca conquistar e manter o trono. Da mesma forma, a compreensão das convenções literárias do antigo Oriente Próximo revelará que as técnicas literárias utilizadas na releitura e interpretação da vida de Davi – a inversão – não eram incomuns, especialmente nas histórias sobre reis e escritas por reis. Davi como pessoa e Davi como figura literária participam igualmente do seu contexto antigo e são por ele iluminadas.

O objetivo deste livro é trazer o Davi histórico à vida, alcançando o passado por intermédio da lenda acumulada, para além do propósito

pró-Davi do texto bíblico e entrando no mundo antigo que ele percorreu. Esse processo é revelador: o homem de carne e osso é muito mais interessante que o rei mítico. O Davi lendário é mais uma estátua de mármore que uma personalidade viva, mais um símbolo que um homem. O Davi histórico, pelo contrário, é ambicioso, inteligente, persuasivo e ameaçador, nem sempre no poder, mas quase sempre no controle. Ele não é alguém que queiramos imitar, mas uma pessoa que podemos respeitar.

O processo de descoberta desse homem há tanto tempo perdido também significa revelar algo sobre os autores bíblicos: por que escreveram, o que queriam e como cumpriram seu objetivo de transformar Davi na figura lendária que conhecemos hoje. Eles realizaram muito bem o seu trabalho. A descrição bíblica de Davi predominou por milhares de anos. Esses autores humanos são parte da história de Davi quase tanto quanto seu próprio protagonista. Também fazem parte do mundo de Davi; o rei e seus hagiógrafos não podem ser entendidos uns sem os outros.

NÓS ESTAMOS CULTURALMENTE envolvidos numa visão particular de Davi como a figura central que funda tanto uma nação quanto uma religião. Davi, o homem, não é facilmente dissociado de Davi, a lenda. E sua lenda tem assumido importância duradoura para judeus e para cristãos. Aqueles que se consideram parte da nação de Israel, seja literal, seja metaforicamente, olham para Davi como sua figura fundadora. Judaísmo e cristianismo o reconhecem como a origem de muitas de suas práticas e crenças. O culto religioso que ele inaugurou em Jerusalém se tornaria o templo onde Israel oraria quase ininterruptamente durante mil anos, e cujas ofertas de sacrifício viriam até o presente como base para a oração e o ritual judaicos. Os Salmos atribuídos a Davi entraram para as liturgias judaica e cristã e são mantidos na fé judaico-cristã como modelos de oração e fé. Acredita-se que o messias – aquele que já veio, no cristianismo, e o que ainda está por vir, no judaísmo – é um descendente de Davi, o “homem segundo o próprio coração de Deus”.

Passado, presente e futuro estão ligados a Davi. Cada cultura valoriza seus mitos fundadores, as narrativas sobre sua formação. Esses mitos pro-

porcionam uma definição, explicam por que sua cultura existe e por que é diferente das demais. George Washington é venerado nos Estados Unidos porque encarna o tipo de determinação férrea e de liderança firme que esse país busca exhibir diante do mundo. Deixamos de lado aspectos da vida do presidente que não combinam com nossa visão a seu respeito, como o fato de ele ser um proprietário de escravos extraordinariamente rico. Para a tradição judaico-cristã, Davi tem a mesma finalidade. Deus escolheu-o apesar de suas origens humildes, da mesma maneira como escolheu Israel. Davi demonstrou ativamente sua fé em Deus, tanto nas ações quanto nas palavras, assim como judeus e cristãos procuram fazê-lo. Já que Davi é visto como o modelo, é natural que suas falhas sejam extirpadas da lenda, justamente porque prejudicam o próprio objetivo da lenda.

Ao mesmo tempo que as figuras fundadoras são entendidas como modelos, elas são também espelho para os valores de gerações seguintes. Isso já pode ser visto nos textos bíblicos sobre Davi: os dois livros de Reis, escritos no final da era monárquica (meados do século VI a.C.), elevam-no à condição de rei perfeito; os dois livros de Crônicas, escritos quando o templo dominava a sociedade israelita (por volta de 400 a.C.), dão importância a Davi como líder religioso. Assim é em todas as gerações. Os rabinos do Talmude debateram as práticas de oração de Davi porque isso foi fundamental para a concepção de mundo que eles tinham.⁹ João Calvino, no século XVI, centrou-se em Davi como modelo de piedade.¹⁰ Quando Israel se tornou Estado, em 1948, adotou como bandeira o símbolo conhecido como estrela de Davi, antigo emblema judaico tradicionalmente aceito como aquele estampado no escudo de Davi quando ele partiu para a guerra. É difícil não perceber o simbolismo de se recordar a glória militar de Davi no momento da independência de Israel.

O que dizemos e pensamos sobre Davi, seja como modelo, seja como espelho, está direta e profundamente relacionado ao que dizemos e pensamos sobre nós mesmos como judeus e cristãos modernos. O que significaria se descobríssemos que o Davi histórico é muito diferente do que imaginamos ou desejamos? Por quase três milênios tivemos apenas coisas cada vez melhores a dizer sobre ele. Nós nos deleitamos no brilho da glória

do grande rei de Israel – seus atos, suas palavras, sua fé. Desafiar a lenda de Davi, portanto, é iniciar um debate sobre o que significa ser descendente dele, seja no plano nacional, seja no plano étnico ou religioso.

Como o Davi idealizado é importante para nós hoje, o Davi histórico também assume seu significado. Reencontrar o Davi histórico é perceber que, por trás da lenda acumulada, havia um homem vivo, que respirava, em lugar e tempo distantes, cujos atos (e a narrativa sobre eles) foram responsáveis por grande parte do que somos hoje. É essa ligação ao longo dos milênios que faz com que a busca do Davi histórico seja ao mesmo tempo arriscada e necessária. Decerto é mais fácil se contentar com a imagem agradável de Davi preservada pela tradição. Mas, ao fazer isso, nós permitimos que a tradição eclipse o passado em que ela está enraizada. Algumas partes do passado – o Êxodo do Egito, por exemplo – nunca poderão ser recuperadas, e a tradição é tudo o que temos. Mas quando a história está ali para ser redescoberta, nós a ignoramos por nossa conta e risco. Nós somos definidos pela distância entre o que aconteceu e o modo como contamos a história. Por isso é necessário saber o que aconteceu, o que não aconteceu e como separar as duas coisas.

Notas

Introdução (p.9-23)

1. Jeremias fala do tempo em que Deus “irá levantar um ramo justo da linhagem de Davi” (Jeremias 23:5), e até descreve de forma mais explícita o período da restauração de Israel como aquele em que “eles servirão ao Senhor, seu Deus, e a Davi, seu rei, a quem despertarei para eles” (Jeremias 30:9).
2. Ver também Ezequiel 37:24-25.
3. Salmos de Salomão 17:21; Talmude Babilônico, Sinédrio, 98a-b.
4. “Um relato da genealogia de Jesus, o Messias, o Filho de Davi” (Mateus 1:1). No Evangelho de João, lemos: “Não diz a Escritura que o Messias é descendente de Davi?” (João 7:42). Fala-se que Jesus é “descendente carnal de Davi” (Romanos 1:3), “um descendente de Davi” (2 Timóteo 2:8) e “a raiz e a descendência de Davi” (Revelação 22:16). Em Atos, uma breve história de Israel é contada, começando com o Êxodo (em cuja narrativa cabe notar que Moisés não é mencionado) e culminando com Davi – porque “da posteridade desse homem Deus trouxe a Israel um salvador, Jesus, como ele prometeu” (Atos 13:23).
5. *Antiguidades judaicas*, VI. 307.
6. Ver Louis Ginzberg, *Legends of the Jews*, v.2 (2ª ed., Filadélfia, Jewish Publication Society, 2003), p.903, n.72.
7. Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, v.2 (Old Tappan, NJ, Revell, 1925), p.413.
8. Sobre a data antiga da maioria de 2 Samuel, ver Baruch Halpern, *David's Secret Demons: Messiah, Murderer, Traitor, King* (Grand Rapids, MI, Eerdmans, 2001), p.57-72.
9. Talmude Babilônico, Berachot, 3b-4a.
10. Ver Paul A. Riemann, “Dissonant pieties: John Calvin and the prayer psalms of the psalter”, in Kaltner e L. Stulman (orgs.), *Inspired Speech (Journal for the Study of the Old Testament, Supplement Series*, n.378; Londres, T&T Clark, 2004), p.354-400.

1. A juventude de Davi (p.25-49)

1. Há certo desacordo na Bíblia sobre Jessé ter sete filhos (1 Crônicas 2:13-15) ou oito (como aqui). Para a discussão, ver P. Kyle McCarter, *I Samuel* (Anchor Bible n.8, Nova York, Doubleday, 1980), p.276. Para os nossos objetivos, é menos importante que o número seja correto e mais significativo do que a existência da disputa, pois aumenta a questão da confiabilidade final da Bíblia quando se trata de fatos. Na